

## E POR FALAR EM SAUDADE, HISTERIA, ONDE ANDA VOCÊ?

Humberto Vicente de Araujo

Acadêmico Titular da APMED – Cadeira nº 19

Ocorreu-me esse título, inspirado na música do nosso grande poeta e diplomata Vinicius de Moraes, associando à rarefação da histeria nos tempos atuais. Nos “tempos da brilhantina”, à época do nosso curso médico, deparávamos, frequentemente, com manifestações históricas, principalmente nos serviços de urgência. Víamos paralisias de diversas ordens, presenciávamos convulsões, desmaios, cegueiras etc. Atualmente, ao abordar esse tema com colegas, concordamos com a quase inexistência desses quadros emocionais nas urgências médicas ou nos consultórios. Afinal, o que ocorreu? *Histeria, onde anda você? E qual a razão da saudade?* A seguir, pretendemos esclarecer *esses dois tópicos*.

Hipócrates, na Grécia Antiga, “descrevia a histeria como uma patologia própria das mulheres, daí o termo oriundo do grego “hysteron” (útero). Acreditava-se numa possível origem sexual, devido a uma alteração uterina. Ao longo do tempo, verificou-se que a histeria também ocorria em homens e crianças. A Psiquiatria e, principalmente, a Psicanálise devem muito à histeria. Freud teve seu interesse despertado para os fenômenos inconscientes relacionado às neuroses, durante seu estágio na Salpetriere, nos idos de 1885-1886. Encontrava-se sob a supervisão do Professor Charcot, grande neurologista e conhecido, por utilizar a hipnose no tratamento da histeria. Portanto, a sua grande contribuição a Freud foi demonstrar a importância dos fenômenos psicológicos na gênese da histeria e a possibilidade de tratá-la através de técnicas sugestivas. No entanto, Charcot continuava acreditando num substrato neurológico para a histeria. Isso marcou profundamente Freud, que passou, a partir daí, a tratar as suas pacientes neuróticas com a técnica da hipnose. Sem sombra de dúvidas, a histeria foi um marco importante na fundação da Psicanálise, pois foi na obra “Estudos sobre histeria” (1893-1895) que Freud falou pela primeira vez em “Psicanálise”.

A histeria foi muito usada como um termo pejorativo e agressivo. Quem não lembra a humilhação por ser chamado de histérico? Em consequência, nos manuais diagnósticos atuais,

o termo histeria deixou de existir e passou a englobar dois tipos de transtornos: os transtornos conversivos e os dissociativos.

Os transtornos conversivos referem-se aos quadros de convulsões, paralisias, contraturas, parestesias, anestésias, ou seja, aqueles que guardam relação com a musculatura estriada e os que atingem os órgãos de sentido, tais como o olfato, a audição, a visão, a gustação e o tato.

Por sua vez, os transtornos dissociativos ocorrem à nível da consciência e da memória. Assim, temos desde as amnésias lacunares, as amnésias totais, os estados crepusculares até as chamadas personalidades múltiplas (antes chamadas duplas personalidades). Essas personalidades múltiplas estão presentes na literatura com o conto “O Médico e o Monstro”, de autoria de Robert Louis Stevenson, no qual um personagem, o Doutor Jekyll, se dissocia em outra personalidade o Senhor Hyde. O cinema abordou esses temas em vários filmes a exemplo de As Três Faces de Eva, O Estrangulador de Boston, Sybill, entre outros.

Além do mais, a psicopatologia da histeria é exuberante e muito susceptível aos aspectos culturais e religiosos. Suas manifestações podem ser individuais como no transe religioso e nas possessões ou coletivas, como na chamada “Dança de San Vito”, na quais populações inteiras passavam a se contorcer e a dançar de forma frenética, chegando à exaustão e até mesmo à morte. Esses episódios de histeria coletiva ainda se fazem presentes nos tempos atuais, como os que ocorrem nas explosões de gritos e desmaios de fãs de ídolos “pop” e em muitas manifestações coletivas religiosas, políticas ou esportivas.

As manifestações históricas também são universais e aparecem em várias culturas. Na essência, permanece a mesma histeria, modificando-se de acordo com os padrões culturais. Assim, temos a possessão pelos Djins (os gênios ou espíritos do deserto) na cultura árabe, no vodu e nos mortos vivos no Haiti, nas possessões demoníacas na cultura cristã e no pibloktoq. Essa última ocorre entre os esquimós quando se deparam com situações de muito estresse, se caracteriza por desorientação, coprolalia, coprofagia e imitação de sons de animais do Ártico. A essas modificações culturais nos transtornos psiquiátricos, chamamos de patoplastia. Assim, pacientes delirantes do passado sentiam-se controlados pelo rádio, ao passo que os atuais se sentem influenciados pela televisão, pela internet ou pela mídia.

Mas, afinal, o que aconteceu com a histeria? Penso que, com o surgimento de novos padrões sociais, em uma sociedade cada vez mais competitiva, a histeria com suas manifestações clássicas não é mais aceita. Geralmente, essas manifestações são consideradas sinais de fraqueza, vistas com menosprezo e crítica. Sabemos que a histeria era uma resposta a uma sociedade muito repressora e as pessoas, através dos sintomas histéricos, expressavam os seus conflitos reprimidos. Na sociedade contemporânea, com característica mais liberais, o próprio sujeito se reprime e daí a profusão de quadros obsessivo-compulsivos e psicossomáticos. Os quadros psicossomáticos passaram a ser valorizados e socialmente reforçados. O infarte, por exemplo, é percebido como uma manifestação de pessoas afeitas ao trabalho, responsáveis e por isso estressadas. Aí, a “neurose” que se encontrava na superficialidade do soma, na musculatura estriada, mergulhou a um nível mais profundo do corpo, atingindo órgãos vitais, pondo em risco à vida. Enquanto a histeria possibilitava uma melhor compreensão do significado do sintoma, permitindo a sua interpretação, o fenômeno psicossomático passou a apresentar uma linguagem mais hermética ou “criptografada” e de difícil compreensão.

Daí a explicação dessa “saudade” da histeria dos tempos passados. O histérico não morria devido a sua neurose, ao contrário dos portadores de enfermidades psicossomáticas cujo ciclo final é a morte. Portanto, podemos até dizer que a histeria seria mais ligada a Eros, à vida, enquanto a psicossomática está correlacionada a Tanatos, a morte.